



POSSIBILIDADES DE ANÁLISES TEMÁTICAS NAS NOVAS DISCURSIVIDADES MIGRATORIAS ATRAVÉS DE DOIS EPISÓDIOS COM MULHERES NA HISTÓRIA RECENTE BRASIL-ESPANHA

Rafael Tassi Teixeira

A história das mulheres na imagem migratória a partir de discursividades midiáticas é bastante recente na distribuição das notícias envolvendo políticas de representação de alteridades culturais em âmbitos diversos.

A maioria dos comportamentos semióticos midiáticos migratórios, no caso dos meios de comunicação espanhóis (Bañón, 2007; Checa y Olmos, 2008; Cachon Rodriguez, 2009) reproduzem com certa facilidade séries de informes estigmatizantes a respeito das mulheres imigrantes e dos coletivos latino americanos (Santos, 2007; Goldberg, 2008). Nesse sentido, ainda que a longa prática de transmissão de circuitos de relações atribuídos a certos “nichos” de trabalho onde as mulheres seriam necessariamente conduzidas, seja um apontamento relativamente contemporâneo na construção da representatividade tópica dos meios de comunicação, estas costumam ser posicionadas em estruturas tópicas dicotômicas que ainda insistem em impor normas residuais masculinizantes como referência¹.

No caso das notícias sobre mulheres brasileiras, como veremos, a transposição de recursividades clássicas disseminadas sobre o universo feminismo imigrante nos meios de comunicação, pode ser com facilidade observado nas notícias através do acionamento de características sinedóquicas associadas a invisibilidade migratória das mulheres (Nash, 2005), a suposta passividade e o papel secundário atribuído as imigrantes e a anulação da importância do papel de agente decisiva nas trajetórias de deslocamento.

Através dos imaginários culturais comparados sobre aspectos da realidade social conduzidos nas representações do feminino na imprensa, a análise sobre a mulher imigrante nos meios de comunicação ganha corpo ao revelar que muitas das associações significativas disponibilizadas nos ideários migratórios são dispostos referencialmente quando o imigração retratada envolve personagens femininas. Na “dupla alteridade” (Nash, 2005) das mulheres imigrantes, os protoripos referenciais são ainda mais nocivos ao reforçar características (domesticabilidade, prostituição, passividade) destinadas muitas vezes a dar sequência a registros naturalmente agressivos a outras leituras possíveis sobre a alteridade feminina imigrante.

¹ Mary Nash (2005) aponta nessa direção ao comentar a persistência da noção ainda referencialmente masculina da imigração na Espanha, sendo as mulheres vistas como agentes passivas e recebendo um tratamento claramente assimétrico e discriminatório, não raras vezes associando-as a prostituição e domesticabilidade.



Essas fronteiras simbólicas da imigração feminina, reproduzidas sem questionamento pelos meios de comunicação, evocam modelos de caracterização que trazem em seu gérmen estruturas metadiscursivas associadas a figura feminina como oculta, interpretada em um papel secundário e invariavelmente vista sob certos signos essencialistas que descaracterizam os processos históricos de gênero na trajetória imigrante. Os postulados de cunho objetivistas, tendem facilmente a ver as mulheres imigrantes como fundamentalmente ‘menos’ importantes que a imigração masculina, dispostas em sistemas de legitimação referenciais onde as possibilidades analíticas, as biografias e a própria variabilidade dos contextos de partida, são negados para dar sequência as leituras de gênero como fundamentalmente mais homogêneas que as interpretações sobre imigrantes homens.

Nesse aspecto, como ressaltaram Barsot e Lecchin (1991) para o contexto asiático, as mulheres imigrantes sofrem invariavelmente mais com as possibilidades de serem vistas a partir de signos restritivos onde o rol como participantes ativas dos movimentos de deslocamento é com frequência ocultado. Geralmente relevadas a um segundo e terceiro planos, a atribuição de características relacionadas as imigrantes teria necessariamente uma atenção mais monológica, deixando de observar movimentos mais amplos nas correntes familiares de imigração².

A partir de séries conjuntas de premissas falsas: que os imigrantes foram um grupo homogêneo (Reher e Requena, 2009), que as tendências migratórias respondem exclusivamente as perspectivas econômicas para todos os coletivos de chegada, que os projetos de mobilidade se inserem em contextos nacionais de fixação, entre outros; a imagem das imigrantes ocupa um papel auxiliar onde os processos migratórios masculinizados recebem exagerada ênfase, e não apenas nas popularizações midiáticas sobre o fenômeno³. No caso espanhol, como avisa Parra (2009), a história recente das popularizações midiáticas sobre o fenômeno migratório, ainda não incorporou totalmente a necessária amplitude analítica para reconhecer a bidirecionalidade dos fluxos e das próprias pessoas que imigram. A redução sistemática de explicações sobre os processos migratórios em causas (perspectiva econômica e sua resposta jurídica) tidas como exclusivas, produz uniformidades analíticas simplesmente insuficientes para medir a intensidade do fenômeno no espaço contemporâneo.

² Como apontam estes autores, as condições das diferentes realidades da imigração feminina viriam quase que secundariamente, como causa auxiliar, de movimentos mais amplos de processos de migração familiares que engedram os circuitos de fluxos de pessoas. Dessa avaliação infelizmente repetidas vezes verdadeira, a noção do feminino nos deslocamentos ocupa uma posição periférica no desenho interpretativo de uma boa parte das análises migratórias da literatura clássica sobre a sociologia das migrações.

³ De certa maneira, ainda é difícil, mesmo em grupos claramente ‘femininos’ como no caso das equatorianas em Madri, sair da imagem popular de imigrantes como homens, jovens, solteiros, trabalhadores braçais, sem vínculos familiares e com intenções de retorno. O peso dessa e outras características, ainda delimita muito análises sociais mais aprofundadas sobre processos migratórios contemporâneos.



Nessa esfera de significações reduzidas, os dez anos de recepção crescente de imigrantes na Espanha, onde o país passa de menos de 1% de sua população em 1997 (menos de um milhão de habitantes estrangeiros) para mais de 13% uma década depois (Reher e Requena, 2009), demonstra o salto vertiginoso com que as variadas faces do fenômeno adquirem recentemente no contexto espanhol. Esses ritmos impressionantes e significativos na história atual dos movimentos migratórios, demonstram que as características interpretativas para analisar a magnitude das chegadas de estrangeiros na Espanha, precisam ser observadas a luz da correspondência com interpretações macro e micro perspectivas, uma vez que a continuidade e persistência do fenômeno, marca a transição súbita da maioria das imagens midiáticas sobre os imigrantes⁴.

Mesmo com a crise atual, sobrecarregando avassaladoramente as grandes economias mundiais a partir de 2008, e mais especificamente a Espanha como um dos países maior impactados (Reher e Requena, 2009), a identidade dos fluxos migratórios e o rumo específico de lugares de atração, não tem dado indícios, ao menos nos últimos tempos, de que haja uma diminuição brusca e substantiva no volume de imigrantes. Paralelamente, o imaginário retrospectivo da década passada que ajudou a forjar mudanças na opinião pública e na percepção dos espanhóis sobre a chegada de estrangeiros, redefinindo paradigmas de tolerância (Izquierdo, 1996) e aumentando o problema de contexto de recepção cada vez mais desfavorável a positividade de inserções mais assertivas, não tem dado sinais de que possa significativamente recrudescer aos signos anteriores das décadas passadas.

A diversidade das formas de mobilidade e os novos estilos de vivência transnacional, a relatividade do espaço e a perda de enunciação das relações identidade-localidade, ainda não produziram suficientemente reverberações nas imagens sobre os imigrantes na Espanha. Como reflete Segrelles (2008) no plano econômico, as avaliações sobre a concursividade de dados em aspectos contingenciais (os imigrantes são necessários e alavancam positivamente a economia, o modelo é que era insustentável), serviram pouco para poder penetrar significativamente nas coincidências e nos repaldos midiáticos da apresentação genérica sobre os imigrantes.

Mary Nash (2005) destaca essa busca por uma certa natureza através de costumizações com tintes dramáticos, sob a preferência de formas de ‘atomização’ do problema em imagens

⁴ É bom lembrar que é a Espanha o segundo país, atrás apenas dos Estados Unidos, que para um mesmo período de tempo, mais recebe imigrantes em todo o planeta. As cifras impressionantes que marcam a transição rápida de país periférico nos grupos de mobilidade a território central de chegada de coletivos, são certamente definidas por variadas complexidades sociológicas e econômicas, dificilmente explicáveis, como deslizam amplas vezes os meios de comunicação, em apenas algumas poucas delas. Mais recentemente, Cachón Rodriguez (2009), aponta neste sentido ao pensar as relações entre mercado de trabalho, estilo de vida, e várias outras condições propiciatórias que marcam o debate migratório espanhol atual.



amplamente desfavoráveis e muitas vezes reduzidas das vinculações (imagens de africanos em barcos cruzando o estrecho de Gibraltar). Nesse ponto, a lista interminável de desencontros históricos com certas noções de alteridade sobre populações estrangeiras não européias, tendem a fragmentar a diversidade de situações de origem dos imigrantes em modelos de recepção já anteriormente preparados que pouco conseguem fazer para ir além das representações coletivas tópicas relativas as taxas de mobilidade diversificadas.

O perfil migratório popularizado nos meios de comunicação, é com frequência o resgate de representações extraídas de outros contextos (mexicanos nos Estados Unidos) que pouco refletem a profunda diferença (gênero, origem, intencionalidade, etc.) dos próprios imigrantes como emancipados dos processos estandartes que procuram conduzi-los. No caso espanhol, vistoso como masculinos, agricultores e construtores, essencialmente rurais e com baixas taxas de escolaridades, com menos possibilidades de inserção na sociedade receptora e dificilmente integráveis, onde algumas dessas séries de constantes discursivas insistem em marcar poderosos canais de afirmação de identidade resignada que não atendem bem a pluralidade atual do fenômeno.

As imagens distribuídas amplamente pelos meios de comunicação espanhóis, servem para alguns coletivos (marroquinos) e se encaixam com maior probabilidade natural de vinculação com certas formas de deslocamento, mas são bastantes distantes de muitos outros (equatorianos, brasileiros, argentinos, colombianos) que passam a ocupar os processos endógenos de representação da alteridade migratória. Na proporção das disponibilidades midiáticas acionadas para os contextos de interpretação da diferença nacional, muitas vezes justamente apenas os fatores endógenos são intensificados para poder combinar a relevância explicativa das características dos processos de análises dos coletivos que são recebidos.

As condições internas marcadoras das significações sociais da estrutura de ‘acolhimento’ são amplificadas para compreender o desenvolvimento das diretrizes de recepção. A ênfase explicativa na grande aceleração econômica, na mudança da estrutura ocupacional, no déficit demográfico e nas generosas políticas de admissão dos 1990 e primeiros de 2000, são apontadas antes dos fatores exógenos que também refletem a interpretação imigrante.

Nesse caso, pouco se explora as dinâmicas atuais sobre a condição inerente da transnacionalidade, a crescente interdependência das economias e das conexões mundiais, a facilidade dos meios de transporte e comunicação, as intensas transformações sociais advindas de contextos perspassados por ações com impacto concorrentes. A explicação da comunidade de fatores requerido para a interpretação da transição dos processos migratórios localizados em



bidirecionalidades significativas, transnacionais e interdependentes, são pouco utilizadas dentro dos canais informativos, que ainda insistem em conceder um tratamento dualista, distribuindo desigualmente interpretações que focalizam apenas algumas das dimensões relacionadas as raízes do problema.

Nas novas migrações de estrangeiros a Espanha, com intensidade se difundem percepções bastante menos diversas do que a realidade impõe, esquecendo-se que a própria distribuição dos imigrantes é, além de muito desigual tanto na diversidade de origens e condições, como amplamente heterogênea em termos de diferenças nas concentrações nas províncias e comunidades autônomas. Isso significa que raras vezes se concede ao fenômeno a proveniência multidimensional que de fato constitui o verdadeiro processo de mudança social mais significativo dos anos recentes na história hispânica (Reher e Requena, 2009).

Os meios de comunicação tendem a produzir nas novas alteridades sentidos dicotomistas, inserindo os coletivos de chegada em situações de recepção anteriores de acordo a certos modelos formalizados na estrutura das interpretações sobre a questão da identidade próxima e do tratamento sinedóquico relacionado a questão do pertencimento cultural similar. Por exemplo, como destaca Mena (2008) em relação aos sistemas de recepção dos imigrantes latinos em Madri, a natureza parental de muitas nacionalidades migratórias (argentinos, equatorianos, bolivianos) é privilegiada em alguns casos quando se procura estabelecer possibilidades de certas pautas de convivência e integração na sociedade receptora. Nesse sentido, os imigrantes latino-americanos (Goldberg, 2008) são vistos geralmente, pela proximidade cultural, linguística e pela história passada conjunta, lidos como ‘adaptáveis’ mas ao mesmo tempo sob certos prismas resistentes “preguiçosos”, “corruptos”, “atrasados” (Santos, 2007) que dificultam a análise da realidade social contemporânea, sua ampla diversidade de origem, situações e novas possibilidades de inserção.

No caso das mulheres imigrantes, a maioria das vinculações midiáticas as veem como latino-americanas, trabalhadoras domésticas, prostitutas e de baixo nível educacional, vindas de zonas rurais de seus países de origem, em situações posteriores a chegada dos maridos (Pereda, 2001). Há ampla tendência em observá-las como secundárias no papel migratório, agentes submissas e portadoras de movimentos auxiliares, de dependência ao cônjuge e resignadas a um sentido vicinal a imagem masculina dos imigrantes. Apenas lentamente se observa, dentro do contexto atual das focalizações dos meios de comunicação, que as mulheres imigrantes ocupam um



papel de destaque no relançamento migratório contemporâneo, especialmente em alguns nichos de empregos socialmente em processo de devasagem⁵.

Não obstante, a imagem dos imigrantes tende a reproduzir um calendário de associações que repetem signos clássicos atributivos da dimensão estrutural do fenômeno: essencialmente os imigrantes são ainda tidos como masculinos, jovens e solitários, vindos de universos sociais não correspondentes, lançando-se em aventuras individuais sem planejamento familiar e com poucos vínculos. A afinidade de símbolos aproximados e os fatores adicionais que conduzem tipicamente a visão dos trabalhadores estrangeiros na Espanha, tendem a reforçar características (ilegais, masculinos, sem projetos de residência), que completam apenas alguns dos quadros comunitários. Uma das possibilidades, de acordo com Zapata Barrero (2009) é que, por se tratar de um fenômeno recente, a transição perceptiva heterogênea talvez ainda não tenha acontecido de modo a buscar a pluralidade inerente das situações de deslocamento, embora também seja verdade que as mesmas características utilizadas para se conhecer os imigrantes, tem se generalizado a partir de sistemas receptivos anteriores, extraídos de outros contextos (imigrantes nos EUA) que desfazem tentativas de maior profundidade analítica de entendimento das variabilidades dos grupos que recentemente chegam a Espanha.

Cabe destacar, que a metamorfose súbita espanhola de impulsores tradicionais a receptores contemporâneos, é realizada em menos de vinte anos, a partir de um contexto de crescimento econômico impressionante, sobretudo na segunda metade dos 1990, realizado com o respaldo sistemático de políticas de admissão permissivas e atraentes, marcadoras de um período de substantivas mudanças sociais internas e externas da própria sociedade receptora.

Nessa esfera de ciclos sociais significativos, a condição dos imigrantes e mais propriamente das mulheres estrangeiras, precisa ser necessariamente lida como domínio de variabilidades múltiplas, interfaces e situações de descontinuidade que atam a base substantiva da interpretação social sobre os processos migratórios, as vulnerabilidades agregadas a mulher imigrante, as associações recursivas midiáticas que impedem a formalização de imagens mais reais e mais condizentes com a interpretação da realidade.

⁵ É verdade, como aponta Checa y Olmos (2005), que as mulheres imigrantes, caso das equatorianas e bolivianas em Madri, preenchem amplamente a imagem de trabalhadoras domésticas, vindas de seus países para fixar-se em uma realidade social cada vez menos interessante para as espanholas. O que não aparece com frequência nas interpretações do fenômeno, é que, no caso das equatorianas (Rosero-Bixby, Reher e Requena, 2009), a própria coletividade é majoritariamente composta de mulheres, trabalhadores e estabelecidas em grandes centros urbanos. Nesse ponto, é interessante observar o papel, como apontam os autores, das redes sociais e os sentidos de agrupamento, possibilitando a inserção laboral das equatorianas em nichos de emprego que arrastam grandes vínculos transnacionais de contato e que provavelmente fazem uso e acionam estruturas de relação muito amplas entre famílias, parentes, amigos e vizinhos.



Na rápida passagem de sociedade expulsora de ciclos importantes de imigrantes a nação significativa que recebe foraneidades de vários conglomerados de origem, a história das mulheres imigrantes no contexto espanhol é feita a partir de um volume nada desprezível de situações de recepção e amplas injustiças sociais, balizadas muitas vezes em fortes séries de imaginários tradicionais que as leem como invisíveis, secundárias, auxiliares e descaracterizadas, representantes de discursos associativos discriminatórios que fomentam visões de mundo negativos.

As fortes sobrevivências culturais dessas memórias as colocam rapidamente em estruturas marginalmente fixas que incrementam e conduzem grandes degraus de perceptivos da realidade social feminina na Espanha contemporânea. A fragilidade das representações distorcidas da realidade, promovem efeitos não raro devastadores para a construção de certos imaginários imigrantes femininos que, pontuando periferias típicas, impedem um tratamento discursivo digno e condizente com o derradeiro espaço onde as alteridades culturais são criadas.

Bibliografía

- BAÑÓN, Antonio. *Discurso Periodístico y Procesos Migratorios*. San Sebastian: Gak@a, 2007.
- BARSOT, O., LECCHIN, L. “The Case of Asian Female Migrants: A Report from the Conference on International Migration Policies and the Status of Female Migrants”, In: *Asian Migrant* (4), 2, abril-junho. 1991.
- CACHON RODRIGUEZ, Lorenzo. *La España Inmigrante: Marco Discriminatorio, Mercado de Trabajo y Políticas de Integración*. Barcelona: Anthropos, 2009.
- CHECA Y OLMOS, Francisco. *La Inmigración sale a la Calle: Comunicación y Discursos Políticos sobre el Fenómeno Migratorio*. Barcelona: Icaria, 2008.
- _____. *Mujeres en el Camino: El fenómeno de la Migración Feminina en España*. Barcelona: Icaria, 2005.
- GOLDBERG, Alejandro. *Tu Sudaca: Las Dimensiones Histórico Geográficas, Sociopolíticas y Culturales Alrededor del Significado de ser Inmigrante (Y Argentino) en España*. Buenos Aires: Prometeo, 2008.
- IZQUIERDO, Antonio. 1996. *La Inmigración Inesperada: La Población Extranjera en España (1991-1995)*. Madrid: Editorial Trotta.
- MENA, Noemi. “Uso y Consumo de los medios para Inmigrantes”, IN: VV.AA. *Voces de la Inmigración: Latinos en Madrid*. Madrid: Universitas, 2008.
- NASH, Mary. *Inmigrantes en Nuestro Espejo: Inmigración y Discurso Periodístico en la Prensa Española*. Barcelona: Icaria Antrazyt, 2005.
- PARRA, José Francisco. *La Inmigración en España*. Valencia: Padilla, 2009.
- PEÑA MARÍN, C. *El Análisis de Textos en una Nueva Clave: Discursos e Imágenes sobre la Inmigración en El País*. Madrid: Universidad Complutense, 1997.
- PEREDA, Carlos. *Mujer, Inmigración y Trabajo*. Madrid: Ministerio de Asuntos Sociales, 2001.
- REHER, David e REQUENA, Miguel. *Las Múltiples Caras de la Inmigración en España*. Madrid: Alianza, 2009.



SANTOS, Adriana Patiño e ROJO, Luisa Martín. "Bandas Latinas: De la Criminalización a la reivindicación", In: BAÑÓN, Antonio. *Discurso Periodístico y Procesos Migratorios*. San Sebastian: Gak@a, 2007.

SEGRELLES, Jose Antonio Serrano. *Inmigración, Sociedad y Economía*. Alicante: Instituto de Cultura Juan Gil Alber, 2008.

ZAPATA-BARRERO, Ricard. *Fundamiento de los Discursos Políticos en torno a la Inmigración*. Madrid: Ariel, 2009.